



HAL
open science

Artigo epistemológico do livro: ” A resiliência de um viajante de sapatos prateados”, Edi. Connaissances & Savoirs, 2021, p274

Fabien Liquori

► **To cite this version:**

Fabien Liquori. Artigo epistemológico do livro: ” A resiliência de um viajante de sapatos prateados”, Edi. Connaissances & Savoirs, 2021, p274. 2021. halshs-04043747

HAL Id: halshs-04043747

<https://shs.hal.science/halshs-04043747>

Submitted on 23 Mar 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License

Artigo epistemológico do livro : “La Légende de l’homme aux souliers d’argent”,

Edi. Connaissances & Savoirs, 2021, p274

Meu trabalho parte da seguinte observação: o pesquisador não leva suficientemente em conta seu próprio determinismo contra seu objeto de investigação e não leva suficientemente em conta o significado oculto de seu próprio campo que poderia revelar sua verdadeira busca de sentido.

Devemos assumir o papel do ator e ver o mundo dele do ponto de vista dele. Essa abordagem metodológica contrasta com a chamada abordagem objetiva, tão dominante hoje, que vê o ator e sua ação a partir da perspectiva de um observador independente e externo, o ator age no mundo de acordo com a maneira como ele vê e não, o que como seria para um observador estrangeiro [1].

O indivíduo é um ator que interage com os elementos do agente social e não passivo, que sofre toda a força das estruturas sociais devido ao seu hábitos ou à "força" de seu sistema de afiliação. Ele constrói seu universo de significado não a partir de atributos psicológicos ou imposição externa, mas através de atividade deliberada em busca de significado.

Eu gostaria especialmente de dizer que este trabalho de pesquisa me foi imposto, naturalmente, como resultado de minha primeira experiência no campo em 2001 com minha tese de mestrado [2], quinze anos atrás. De fato, é graças a este trabalho que, a nível pessoal, consegui refazer a ligação com o meu país de nascimento.

Como resultado, "minha terra" me trouxe uma solução, permitindo-me viver sem um peso que se tornasse muito opressivo em minha vida diária na França. De fato, morar longe desse "Brasil" tornou-se insustentável demais. O Candomblé {*} e o que eu vim estudar em Salvador da Bahia chegou hoje para me impor como uma maneira de escapar dos mecanismos de evasão do meu próprio processo de aculturação, relacionado ao meu percurso de vida.

É por isso que entendemos em que dilema é o binacional. Este último cultiva a difícil tarefa de integrar-se na sociedade da maneira mais flexível possível, evitando qualquer distorção dos dois "átomos" que compõem sua identidade. Você deve constantemente, no difícil jogo de negociação, assegurar que uma de suas nacionalidades de pertencimento não seja canibalizada pela outra e vice-versa.

O que um psicólogo chamaria "entre dois". Isso sempre implica entre duas fronteiras, de acordo com a respectiva nacionalidade de cada pai e permanecer na borda dessa lâmina que é sempre bidirecional. Em todos os momentos, a todos é dada a opção de tornar essa dupla nacionalidade uma riqueza, extraindo todas as coisas positivas dessa situação, de esquecer sua pátria, adaptando-se ao processo de migração, mas correndo o risco de negá-la.

Dito isto, em cada um dos meus dois países, o Brasil e a França, encontrando-me na posição de migrante é o mesmo problema: o fato de que meus pais biológicos, originalmente e vivendo separadamente em dois continentes diferentes, a América Latina e a Europa, assim como a aquisição do Candomblé como "minha" religião de pertencer, representam para mim o ponto de união entre meus dois pontos de tintagem. De fato, o Candomblé, religião da diáspora africana, tornou-se uma religião afro-brasileira, uma vez que foi exportado para o Brasil por escravos, mas através da prática de sua religião, esses "exilados", hoje brasileiros na terra, com os preços de muitas lutas sociais e raciais pode continuar a manter uma ligação próxima e fundamental com a África, sua "mãe terra" original. Da mesma forma, no meu nível, uma criança desenraizada do Brasil para morar na França com minha mãe, integrando o Candomblé, tornou-se uma religião afro-brasileira, tenho a sensação de estar profundamente ligada à minha "terra paterna", local de nascimento, origem. No entanto, este retorno ao meu país de nascimento, o Brasil, é depois de passar pela "peneira" de integração na França, meu segundo país de identidade.

E agora, fundindo-se com a minha comunidade religiosa de pertença, desenraizada da África, tenho a impressão de ter, em comum, a profunda cicatriz do desenraizamento [3]. O modelo de Pierre Verger insidiosamente preenche o vazio que foi esvaziado pela ausência da minha família de sangue brasileiro, ele nunca conseguiu tomar o lugar que deveria na minha vida. Pierre Verger é, de certo modo, um pai simbólico, que serve de elo para me permitir colocar-me na "roça" a que pertencço. Retorna uma certa legitimidade ao lugar que eu ocupo na árvore genealógica, nesta família espiritual, com meu Babalorixá {***}.

E com esse pai simbólico, apesar da distância geográfica, tentei manter os laços que tecera, na esperança de voltar. Hoje concretizo este apego com toda a força da minha nova instalação no Brasil, Salvador de Bahía, que representa o mito da terra prometida, a de um pai, uma terra personificada e materializada por um espaço, tanto físico como simbólico, com o meu Babalorixá Obarayi. e Ilê Axé Opô Aganju. É o catalisador e o meio para desenvolver a verdadeira "cura" da minha identidade (como se a cultura de um indivíduo também tivesse que passar por curando!) Me dando as ferramentas para cultivar meu Orixá {****} [4].

É quando minhas viagens de ida e volta entre a França e o Brasil fazem sentido e, no final, valeu a pena! Foi uma construção empírica, seguindo uma estrada longa e sinuosa e tomando hoje toda a sua dimensão para me fortalecer.

Agora que escolhi morar no Brasil, não se trata de "devolver a ampolheta do tempo", mas será necessário desenvolver um diálogo coerente com minhas duas comunidades administrativas de pertencimento. A partir de minha observação e minha adesão aos valores do Candomblé, o trabalho de François Laplantine me leva à seguinte reflexão:

- A crença, um fator de aparência exógena no diagnóstico clínico, revela-se um elemento endógeno no processo biossocial da doença [5].

Portanto, o ambiente não é uma variável externa constante que forma a estrutura patogênica da doença. Mas são os fatores, externos e internos, do indivíduo que variam em

conjunto e associados, como se o indivíduo tivesse todo o processo coletivo nele, ligado ao seu ambiente.

A condição humana é feita de imprevisível e inevitável. É o resultado de uma infinidade de transações.

Portanto, não mais falaremos sobre o determinismo, em uma direção ou outra, entre o indivíduo e a sociedade, mas pareceria que o indivíduo carregaria em si todas as marcas biológicas ligadas à sua coexistência com um determinado ambiente.

Mas, se a doença não estiver correlacionada entre dois ambientes diferentes, talvez possamos imaginar que a mudança, através da migração entre dois pontos geográficos, poderia favorecer uma reorganização do diagnóstico clínico. Portanto, não há ambiente melhor que outros para prevenir a doença, mas a mudança, na forma de migração, permitiria ao indivíduo uma readaptação favorável a uma modificação do diagnóstico clínico em relação ao ambiente de origem. [6]

No tom de um desempenho metodológico arrogante, este trabalho está posicionado nos últimos limites entre sociologia e psicologia, pois presta homenagem aos interlocutores dessa pesquisa [7], formados para uma cultura "Griô". Meu trabalho não é mais um trabalho da Etnopsiquiatria, mas é realmente um trabalho Epistemológico real de antropologia e sociologia que fala "entre outras coisas" da psiquiatria, uma especialidade da medicina em geral. Porque, em um mundo onde os fluxos migratórios se tornam mais complexos e intensificados, [8] como nos diz Tobie Nathan, as barreiras sociais impulsionaram ainda mais o determinismo das fronteiras psicológicas, e podem até ser biológicas.

Descobri, a partir dos trabalhos de Pierre Verger, uma espécie de mentor intelectual para iluminar o modo de operação e ler meu trabalho como se a sociologia se tornasse um meio de « sobrevivência ». Como pesquisador, meu eu interior foi capaz de se adaptar a meio ambiente do meu campo [9], o que me permitiu fazer minha observação, como um diafragma que guia minha pesquisa.

Falamos de Pierre Verger, especificamente seu conhecimento da diáspora africana e seu apego ao candomblé por seus títulos honoríficos. Mas também pode ser considerado como representando uma cultura de desenraizamento, a ponto de sua Fundação ir além da mera proteção de seu trabalho. Sua fundação também representa um certo compromisso, uma visão e um modelo de vida social, de acordo com o aspecto e a integração da cultura do outro. Em suma, é uma filosofia de vida e compromisso, isto é, saber aprender através da observação e ouvir os outros, considerando-os não como estranhos, mas como parentes íntimos. Não é mais uma busca pela dissecação do outro como objeto de análise, para justificar o objetivo da pesquisa científica. Mas é uma abordagem para o outro fraternalmente compartilhando sua intimidade e uma experiência comum. Então, alimentados pelo enriquecimento mútuo ao se conhecerem, seria possível afirmar as crenças de pertencer a uma verdadeira intimidade compartilhada.

Portanto, este trabalho é, de certo modo, um processo de cura pelo Candomblé [10] e uma alternativa à psicologia e medicina convencional. Portanto, é um depoimento relativo de "dentro" do ponto de vista da observação participante e do interacionismo simbólico na Escola de Chicago [11].

O interacionismo simbólico enfatiza a natureza simbólica da vida social: os significados sociais devem ser considerados "produzidos pelas atividades interativas dos atores" (Blumer, 1969, p. 5). Além disso, o pesquisador não pode ter acesso a essas produções sociais de atores nos quais participa, também como ator, no mundo que se propõe a estudar. O "eu" é uma internalização do processo social pelo qual grupos de indivíduos interagem com os outros.

Mesmo que o plano do meu livro use uma certa cronologia, não estamos aqui na frente de uma biografia, mas cada parte tenta responder a uma pergunta inicial sobre a doença psíquica e tenta fornecer soluções com conselhos no capítulo II. cc3 sobre questões, definitivamente antropológicas, com a importância da crença no processo de cura.

Por outro lado, a abertura deste trabalho é continuar a criar uma dinâmica ao longo da viagem, tentando aproximar-me cada vez mais desta mítica África, em termos de conhecimento que me permite, pessoalmente, continuar este diálogo de dentro, na forma de arbitragem entre os dois componentes nacionais da minha identidade.

Se a etnomusicologia estuda a relação entre música e transe, a antropologia e a sociologia estudam a relação entre o sistema religioso e o transe. Tanto o antropólogo como o musicólogo coexistem e estão interconectados na pesquisa do candomblé. Estudar música no Candomblé e em seu sistema religioso sacerdotal [12] consiste em decifrar o som, ou seja, decifrar os códigos que levam aos esquemas cognitivos e conhecimentos antigos, porque o homem perdeu a ligação com sua própria natureza e espero participar de uma leitura, ainda mais completo do emocional e do espiritual através da aquisição de uma abordagem musicológica para decifrar ritmos e canções, a fim de compreender o sistema religioso ao ouvir música e não limitar minha análise apenas à observação, mas também estender minha análise ao discurso para ir ainda mais longe à música das palavras e da linguagem. Se no começo, eu tinha passado nove meses em Salvador para fazer uma investigação exploratória, hoje eu vivo em estreita interação com essa comunidade de pertencimento que está relacionada às minhas convicções intrínsecas.

Portanto, sinto a necessidade de dar depoimento dessa experiência de vida e "reabilitação" para me permitir achar meus próprios objetivos, mas também para continuar a me unir e coerência com minha escolha de vida. Também não quero perder de vista o fato de que, a princípio, sou estudante da Universidade de Toulouse Le Mirail e não quero cortar completamente a conexão materna (literal e figurativamente) com meu status de jovem estudante na França. Também estou ciente de que minha pesquisa nunca terá a escala necessária para apresentar importantes conceitos sociológicos inovadores. Mas, sabendo que a Antropologia na Bahia está na vanguarda da pesquisa acadêmica sobretudo relacionado à diáspora africana nas Américas, meu trabalho pode ser imposto como um "Passeur" da minha cultura universitária original. Contudo, a solução para minha

deficiência é, espero, uma medida transitória que me permita, a médio prazo, administrar meus próprios limites, libertando-me de minhas fragilidades físicas e psicológicas e recuperando, pouco a pouco, minhas forças morais. Trabalhando em minha dupla nacionalidade franco-brasileira, quero me emancipar e dar um passo atrás.

Este livro deve ser uma maneira de encontrar um equilíbrio, sem o risco de agravamento devido à minha deficiência. Não consegui atingir parcialmente meu objetivo como voluntário na Fundação Pierre Verger em Salvador? A solução para sair disso, estou convencido, é apostar no "Brasil", que me faltou tanto todos esses anos que vivi na França e cuja culpa favoreceu a formação de uma fenda na estrutura do meu próprio lar.

{*} Candomblé: Religião nativa da África Ocidental trazida por escravos negros no Brasil. Nesta religião, os iniciados incorporam o Orixá na forma de tranSES que representam divindades ritualizadas. Cada um deles tem arquétipos de comportamento na dança que correspondem a um Orixá específico.

{**} Roça: é o terreiro, é o lugar de culto onde o iniciado praticará a sua religião, é o seu lugar de pertença religiosa que, ao contrário, é removido do seu lugar de residência urbana, e localizado nos arredores da cidade.

{***} Babalórixa: pai de santo, líder religioso da comunidade de um terreiro.

{****} Orixá: força da natureza, ligada ao ar, fogo. Água e terra Representa os cultos das religiões afro-brasileiras, a costa da África Ocidental e o grupo étnico iorubá.

Bibliografia

[7] COSSARD-BINON, Gisèle Omindarewá Contribution à l'étude des Candomblés du Brésil-Le rite Angola, (3ème cycle), 1970

[11] Coulon, Alain L'école de Chicago Que sais-je ? PUF, p127

[12] GOMBERG, Estélio Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de Candomblé, coletivo EDUFBA, 2011, 206p

[5] LAPLANTINE, François Anthropologie de la maladie, Edition Payot, Paris, 1993, 441p

[10] - LIMA, Vivaldo da Costa A Família de Santo nos candomblés jêjês-nagôs da Bahia: um estudo de relações intergrupais. 2éd, Salvador, Corupio, 2003, 216p

[2] LIQUORI, Fabien La réafricanisation de l'aculture Bahianaise par le Candomblé Mémoire de Maîtrise, Université Toulouse Le Mirail, Directrice de Recherche Angelina Peralva, 2002, P92

[6] [8] Nathan, Tobie & Hounkpatin, Lucien La parole de la forêt initiale Odile Jacob p444

[1] Thomas, Isaac William & Znaniecki, Florian Fondation de la Sociologie Américaine Collection Logiques Sociales, L'Harmattan, P347

[3] VATIN, Xavier Rites et musiques de possession à Bahia, Paris, l'Harmattan, 2005, 234p

[4] VERGER, Pierre Fatumbi Orixás, deuses iorubàs na Africa e no Novo Mundo, Corrupio, 5ème edição, São Paulo, 1999, 295p

[9] VERGER, Pierre Fatumbi Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na Africa, 2e edição, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, 615p